

O ensino da leitura nos anos iniciais: um caminho a ser construído

Amabete Almeida Gomes¹

RESUMO

O referido estudo emerge do meio educacional, a partir de incertezas e inquietações referentes ao processo de aprendizagens no que concerne a leitura e escrita nos anos iniciais. A pesquisa teve como objetivo principal investigar as concepções sobre a leitura e escrita nos anos iniciais e os desafios das instituições escolares em formar leitores competentes, na E.M.E.Fund. Antônio Matos Filho, turmas do 1º, 2º e 3º ano do ensino fundamental. Tendo como Tema: O Ensino da Leitura nos anos iniciais : Um caminho a ser construído. Ao pautar se, nas concepções interacionistas, encontramos em Bakhtin a origem dos conceitos a partir das relações interpessoais, num contexto sócio histórico. Bem como na teoria de Freire, a compreensão da educação como um ato de construção e reconstrução de significados a partir de uma realidade, numa perspectiva crítica fundamentada na relação ético-política entre conhecimento e interesse. Assim, concluímos que as concepções sobre a leitura e sobre a complexidade do ato de ensinar a ler estão intrinsecamente relacionadas às suas vivências sócias históricas e suas práticas podem estar subjugadas a essas condições que se encontram o sujeito leitor. Deste modo os fundamentos dessas compreensões assentaram-se principalmente em Coracini, Geraldi, Lerner, PCN, Pacto Nacional pela Alfabetização, BNCC e Paulo Freire. Os estudos foram realizados numa perspectiva dialética de modo a sistematizarmos nossas compreensões acerca das categorias centrais da pesquisa, a saber: Ensino - Leitura - Texto – Aprendizagens.

Palavras-chave: Ensino; Leitura; Aprendizagens.

1. Introdução

A relevância desta pesquisa, emerge do próprio exercício profissional, como docente na Educação Básica, priorizando as séries iniciais. Outrossim, considera-se a importância de uma compreensão e conscientização de uma concepção de leitura que contribuí com as reflexões acerca do fazer pedagógico nas séries iniciais do ensino fundamental.

¹ Professora na rede municipal de ensino de Parauapebas – PA.
Revista Tecnologias na Educação – Ano 15 – Número/Vol.38 – Edição Temática XIX-
tecnologiasnaeducacao.pro.br / tecedu.pro.br

Na articulação destes fundamentos, objetiva-se compreender o processo de leitura no âmbito escolar a partir de um agir auto reflexivo da escola como forma de intervir na realidade educativa escolar, contribuindo para uma transformação política do papel social que a instituição escolar tem desempenhado na educação brasileira.

A pesquisa objetiva, demonstrar a relevância das atividades de leitura no espaço escolar, o texto como unidade de estudo, bem como a interação dos sujeitos na sala de aula, e quais as consequências destas práxis no ensino e aprendizagem dos discentes. A mesma se legitima por compreender que a leitura e a escrita constituem-se ferramentas indispensáveis na atualidade, considerada a época do conhecimento, para que o ser humano possa desenvolver suas competências, potencialidades, seja no nível pessoal, individual, profissional ou no âmbito coletivo.

Espera-se ainda, analisar as habilidades de leitura desenvolvidas no âmbito escolar, e se está centrado especificamente na concepção de linguagem, que situa a linguagem como processo de interação, ou seja, a ação na, e pela linguagem conforme Koch (1998).

Na mesma linha de pensamento, o estudioso Geraldini (1997) tanto a linguagem quanto aos “sujeitos”, que a utilizam estão em constante transformação. Neste sentido ao eleger-se as práticas de leitura, como objeto de estudo, considerando-a nuclear na atividade pedagógica, acredita-se que essa, subsidiará reflexões intra e extraescolares sobre o processo de empreendimento de uma educação dotada de qualidade.

Nesta perspectiva, o presente estudo tem a finalidade de apresentar as questões referentes ao tema “O ENSINO DA LEITURA NOS ANOS INICIAIS : UM CAMINHO A SER CONSTRUÍDO ”: Porque alguns alunos não aprendem? O que os educadores devem fazer para ajudar esses alunos? Para respostas a estas perguntas, o estudo desenvolve concepções de leitura, apresenta a escola como espaço de formação do sujeito leitor, discorre sobre os desafios e conquistas acerca da leitura nos anos iniciais e por fim, as análises dos resultados da pesquisa em campo.

2. Embasamento Teórico

As questões desta pesquisa são bastante complexas, pois muitas vezes são situações que estão além dos muros das escolas e que não são diagnosticados sem ajuda da família ou de profissionais especializados. Deste modo compreende-se que o processo de aprendizagem da leitura nas séries iniciais é complexo e desafiador, porém ocorre de maneira natural, a curiosidade e o despertar da criança para ler o mundo. Assim, leitura não é apenas o que está escrito e sim a

compreensão do que acontece ao nosso redor, com o intuito de permitindo o entendimento no mundo em que se vive. Segundo Freire:

A leitura da palavra é sempre precedida da leitura do mundo. E aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, numa manipulação mecânica que vincula linguagem e realidade. A demais, a aprendizagem da leitura e a alfabetização são atos de educação é um ato fundamentalmente político. (Freire 1982.p.8).

Conforme a LDB lei 9694/96 artigo 32, o ensino fundamental, com duração mínima de 9 ano, obrigatório e gratuito em escola pública, tem por objetivo formar o cidadão mediante o desenvolvimento da capacidade de apreender tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura da escrita e do cálculo. Segundo os PCN's de 1ª a 4ª séries ensinar as crianças a ler, a escrever e a se expressar de maneira competente na língua portuguesa é o grande desafio dos professores nas séries iniciais. Diante disso surge o seguinte questionamento: Porque será que é tão difícil integra-se de modo competente a leitura e escrita nas séries iniciais? Esse questionamento certamente aflige a maioria dos educadores, que quando não alcançam os seus objetivos, neste garantir que o educando desenvolva o pleno domínio da leitura e escrita e interpretação, desenvolvem a sensação de fracasso como se não tivessem utilizados as metodologias adequadas.

Desta forma, essa pesquisa possibilitará ampliar o nosso modo de observar o processo de ensino e aprendizagem. Percebe-se que as dificuldades de aprendizagem na leitura nas séries iniciais do ensino fundamental, é algo que vem prejudicando o desenvolvimento dos educandos, uma vez não havendo o domínio da leitura, haverá prejuízos no ato de escrever, pois a leitura não se dissocia da escrita.

Entende-se que é essencial diagnosticar alguns indicativos que mostram as dificuldades básicas no processo da leitura, tornando esse problema um fio condutor dessa investigação, contudo elaborou-se as seguintes questões norteadoras:

- Quais as dificuldades básicas observadas no processo de aquisição da leitura nas séries iniciais?
- Quais as estratégias de ensino mais utilizadas?
- De que forma podem ser minimizadas as dificuldades de aprendizagens da leitura neste ciclo considerado Alfabetizador? As crianças aprendem a ler e escrever com autonomia?
- Quais as maiores dificuldades desafios encontrados para que as crianças se integrem de modo competente nas práticas sociais de leitura e escritas?
- Que ações/mudanças são consideradas necessárias no processo de alfabetização para que se torne mais eficaz?

Constituiu-se como objetivo geral desta pesquisa, problematizar as dificuldades básicas e as estratégias de ensino no processo de aprendizagem da leitura nas séries iniciais do ensino fundamental, bem como os específicos: diagnosticar as dificuldades dos educadores individualmente, respeitando as particularidades e os limites de cada um, reconhecer possibilidades e caminhos para que os educadores possam desenvolver um trabalho com excelência, garantindo as crianças uma aprendizagem com qualidade social, promovendo saberes.

A leitura, como prática social, é sempre um meio, nunca um fim. Ler é resposta a um objetivo, a uma necessidade pessoal. Fora da escola, não se lê só para aprender a ler, não se lê de uma única forma, não se decodifica palavra por palavra, não se responde a perguntas de verificação do entendimento preenchendo fichas exaustivas, não se faz desenho sobre o que mais gostou e raramente se lê em voz alta. Isso não significa que na escola não se possa eventualmente responder a perguntas sobre a leitura, de vez em quando desenhar o que o texto lido sugere, ou ler em voz alta quando necessário. No entanto, uma prática constante de leitura não significa a repetição infundável dessas atividades escolares. (PCN's 1997.p.43.)

Com base nos pressupostos acima mencionados, nota-se neste que, uma prática constante de leitura na escola deve admitir várias leituras, pois outra concepção que deve ser superada é a do mito da interpretação única, fruto do pressuposto de que o significado está dado no texto. O significado, no entanto, constrói-se pelo esforço de interpretação do leitor, a partir não só do que está escrito, mas do conhecimento que traz para o texto.

2.1 Concepção de leitura

O ensino de Língua Portuguesa vem sendo duramente criticado devido apresentar textos insignificantes, linguagens rebuscadas, com significados complexos que não condizem muitas vezes com a realidade dos educandos, por isso a décadas, estudiosos tem se empenhados em compreender a complexidade da Língua Portuguesa.

Nesse sentido, discute-se sobre a condição leitora imprescindível ao homem contemporâneo imerso em um mundo letrado, na era do conhecimento, todavia há uma nítida incompreensão desse mundo letrado por parte da maioria dos cidadãos brasileiros que se encontram na situação de iletrados.

Com base em pressuposto teórico de Coracini (1995: 13-15) nota-se a análise das diferentes concepções teóricas em relação ao ato de ler. A autora aponta três concepções principais: Na primeira considera que o sentido do texto está nas palavras e ao leitor cabe decodificar os signos linguísticos na busca do significado do texto, na segunda considera que o sentido do texto está na interação de leitor-autor, mediados pelo texto, em que o sucesso do leitor consiste na sua capacidade de percorrer as marcas deixadas pelo autor, na terceira considera o ato de ler um

Revista Tecnologias na Educação – Ano 15 – Número/Vol.38 – Edição Temática XIX-
tecnologiasnaeducacao.pro.br / tecedu.pro.br

processo discursivo em que autor e leitor são tomados como produtores de sentidos possíveis, dadas as formações discursivas de cada um.

Diante do exposto, considera-se que, não é o texto que determina o sentido e sim o leitor enquanto sujeito heterogêneo que é. O texto constitui a principal fonte de saber, verdade a ser decifrada e assimilada pelo aluno. O leitor, nessa visão de sujeito, é o “ponto de partida da produção de sentido” (Coracini,1995: 18).

Por isto, muitas vezes, aprender a ler equivale a descobrir o significado das palavras do texto, a pronunciar corretamente, a localizar os momentos principais dos textos ali descartados de forma definitiva pela vontade consciente do escrevente.

Segundo Orlandi (1996), a leitura é produzida em condição determinada, ou seja, em um contexto sócio histórico que deve ser levado em conta. Cada leitura tem sua história; leituras que são possíveis, para um mesmo texto, em certas épocas não o foram em outras e leituras que não são possíveis hoje, serão no futuro.

O estudioso Geraldi nos diz que:

Essa multiplicidade de leituras que um mesmo texto pode ter não nos parece resultado do próprio texto em si, produzido em condições específicas, mas sim resultados dos múltiplos sentidos que se produzem nas diferentes condições de produção de leitura. Cada leitura, mudadas as condições de sua produção, têm novas leituras e novos sentidos pro elas produzidos. Assim, ainda que o interlocutor/leitor seja o mesmo e mudados os objetivos de sua leitura, estarão alteradas as condições de produção, portanto, o processo da aprendizagem. (Geraldi.1995.p.108)

Quanto aos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa afirmam que deve-se: Valorizar a leitura como fonte de informação, via de acesso aos mundos criados pela literatura e possibilidade de fruição estética, sendo capazes de recorrer aos materiais escritos em função de diferentes objetivos. (PCN's. 1997.)

Deste modo observa-se que o uso de diferentes formas de linguagem verbal, neste a leitura, busca desenvolver no sujeito leitor, a capacidade de atuação construtiva e transformadora. O trabalho com a leitura tem como finalidade a formação de leitores competentes, e formar um leitor competente significam:

Alguém que compreenda o que ler. Que possa aprender a ler também o que não está escrito, identificando elementos implícitos; que estabeleça relações entre o texto que lê e outros textos já lidos; que saiba que vários sentidos podem ser atribuídos a um texto; que consiga justificar e validar a sua leitura a partir da localização de elementos discursivos. (PCN's1998.)

Diante do exposto, compreendeu-se o que o leitor/autor concerne à leitura e ao texto estão intimamente interligados com as concepções que adotassem para o texto e para a leitura, e as

influências nelas observadas são resultados do conhecimento linguístico e de mundo, e que contribuirão positivamente na produção de um texto, deixando marcas de um bom leitor, para isso deve-se observar alguns pontos relevantes na formação desse sujeito leitor.

2.2 A escola como principal espaço de formação do leitor

É relevante mencionar que a escola é de grande importância na formação do sujeito leitor, pois é no âmbito escolar que percebe-se que o aluno possui maior contato com o texto/livros. Principalmente os literários, cânones ou não. O papel da escola é formar indivíduos questionadores e capazes de posicionar-se conscientemente diante da realidade. Mas, para que a escola realmente desenvolva sua verdadeira função é preciso que ela reveja suas concepções de leitura.

Neste sentido a escola deverá construir seus projetos pedagógicos no intuito de formar cidadãos conscientes, capazes de compreender e criticar a realidade, atuando na busca da superação das desigualdades e do respeito ao ser humano. Assim, a instituição escolar assume a responsabilidade de um ensino capaz de atuar na transformação e na busca do desenvolvimento social. Todavia, a partir de experiências vivenciadas na academia, e nas atividades de estágio podemos presenciar práticas que evidenciam que a aprendizagem deve ser regida imprescindivelmente, pela prática de situações sociais, e não por uma aula em que se fala sobre essa prática, ou seja, o professor deve entender que o êxito na aprendizagem da leitura e escrita centrasse no fazer e não no pensar sobre o fazer. Como declaram os parâmetros curriculares nacionais de Língua Portuguesa.

Organizar situações de aprendizagem, nesta perspectiva, supõe: planejar situações de interação nas quais esses conhecimentos sejam construídos e/ou tematizados; organizar atividades que procurem recriar na sala de aula situações enunciativas de outros espaços que não o escolar, considerando sua especificidade e a inevitável transformação didática que o conteúdo sofrera; saber que a escola é um espaço de interação social, onde práticas sociais de linguagem acontecem e se circunsciam, assumindo características bastante específicas em função de sua finalidade: o ensino. (PNCs, 1998. p.22)

nas instituições de ensino, ler é essencial e básico, é uma forma exemplar de aprendizagem. A leitura é um dos meios mais eficazes de desenvolvimento sistemático de linguagem da personalidade, é um dos últimos recantos da liberdade intelectual. Quem lê cria tanto ou mais que o autor, não recebe imagens, prontas coloridas e acabadas, tem de construí-las pelo processo de entendimento e da interpretação. A leitura é problematizada, induz à reflexão, suscita hipótese e faz pensar “PENSAR, AGIR E TRANSFORMAR”. Castro (2006), pontua que a escola precisa repensar na proposta de ensino da leitura pelo menos sob três aspectos: primeiro, *como objetivo de* Revista Tecnologias na Educação – Ano 15 – Número/Vol.38 – Edição Temática XIX-
tecnologiasnaeducacao.pro.br / tecedu.pro.br

conhecimento em si mesma, na qual, o aprendizado da leitura deve se pautar na compreensão do que se lê, na inserção da leitura em contextos significativos, e na utilização de métodos que visam ensinar meios flexíveis em cada situação concreta; segundo, *como um instrumento de conhecimento*, em que é necessário ensinar a ler de forma que as estratégias de leitura sejam usadas de acordo com os objetivos de aprendizagem; terceiro *como um meio para o prazer, para o deleite e para a distração*, em que sejam desenvolvidas atividades concretas, cuja ênfase esteja na leitura para a satisfação dos alunos, que eles leiam o que querem ler, no seu ritmo, observando e analisando a leitura de outros alunos e dos professores, sem que haja uma cobrança específica após a leitura, tornando assim uma atividade significativa e prazerosa para todos.

Lerner, (2005) em “Ler e Escrever na Escola: o real, o possível e o necessário” afirma que: Ler e escrever... Redefinir o sentido dessa função é uma tarefa incontestável. Ensinar a ler e escrever são um desafio que transcende amplamente a alfabetização em sentido estrito. O desafio da escola hoje é o de incorporar todos os alunos a cultura do escrito e o de conseguir que todos cheguem a ser leitores e escritores. O necessário é fazer da escola uma comunidade de leitores que recorrem aos textos buscando resposta para todos os problemas que necessitam resolver, tratando de encontrar informação para compreender melhor algum aspecto do mundo. O necessário é fazer da escola uma comunidade de escritores que produzem seus próprios textos para mostrar suas ideias, para informar sobre fatos que os destinatários necessitam e devem conhecer, enfim, por tantos outros motivos reais e importantes. O necessário é fazer da escola um âmbito onde a leitura e a escrita sejam práticas vivas e vitais, onde ler e escrever sejam instrumentos poderosos que permitem repensar o mundo e reorganizar o próprio pensamento, onde interpretar e produzir textos sejam direitos que é legítimo exercer e responsabilidade que é necessário assumir.

O necessário é, em suma, preservar o sentido do objeto de ensino para o sujeito da aprendizagem, o necessário é preservar na escola o sentido que a leitura e a escrita têm como práticas sociais. O real é que levar à prática o necessário é uma tarefa difícil para a escola. É por isso que, antes de formular soluções – antes de desdobrar o possível-, é preciso analisar as dificuldades. (Lerner, 2005.p.28).

Nesta perspectiva, quando se pensa a prática da leitura e escrita no âmbito escolar, desenvolve-se uma ação, ao mesmo tempo, intelectual e comunicativa, enquanto tal: racional, reflexiva, crítica, política e intersubjetiva. Lida-se com essa complexidade de fatores na sistematização de uma ação educadora intencional exige um instrumento mediador que permita compor unicidade entre essa multiplicidade, que possibilite a coerência interna e externa dessas relações em suas instancias individuais e coletivas. Este instrumento, compreende a ser a linguagem, tanto no desempenho de sua função intelectual como comunicacional.

Para Matêncio (2006) no que diz respeito a intenção na sala de aula afirma que, é pertinente pensar, por exemplo, que dadas funções institucionais e posições hierárquicas dos participantes, o professor tem objetivo de ensinar o aluno, por sua vez, de aprender. Aceitar que o professor só pode ensinar e o aluno só pode aprender o que ele ensina é pensar um ser humano incapaz de criar e ir um passo além do que lhe é ensinado, neste sentido Freire diz “O professor aprende ao ensinar e ensina ao aprender”.

2.3 Desafios e conquistas da leitura nos anos iniciais

Para melhor compreensão do processo da construção das aprendizagens, faz-se uma reflexão a respeito desse processo de leitura fundamentados na teoria construtivista de Emília Ferreiro. Analisando o modo de pensar da referida autora, a influência no processo ensino-aprendizagem, de uma criança, está ligada diretamente na família cuja utiliza a leitura e escrita com frequência predispõe a criança a aprender através da presença de livros, jornais e revistas. É importante refletir que o convívio com toda essa gama de conhecimento, por outro lado uma criança que convive em um ambiente no qual a leitura e escrita não são utilizadas, certamente não terá o mesmo desenvolvimento, havendo assim muita dificuldade de aprendizagem, não por serem menos capaz que as outras, mas porque não tiveram o mesmo contato com situações concretas as quais envolveram a real importância de tais atividades.

Desta forma, faz-se necessário à realização de um diagnóstico para realmente saber o nível de conhecimento da criança em relação à língua oral e escrita, para só a partir daí iniciar um processo de alfabetização. Os educandos têm facilidade de aprender a ler e a escrever assim como fazem tantas outras coisas, porém os orientadores desse processo é que dificultam classificando atividades que envolvem tal processo em fáceis e difíceis, considerando que:

As crianças são facilmente alfabetizadas desde que descubram, através de contextos sociais funcionais, que a escrita é um objeto interessante que merece ser conhecido (como tantos outros objetos da realidade aos quais dedicam seus melhores esforços intelectuais). São os adultos que têm dificultado o processo imaginando sequencias idealizadas de progressão cumulativa, estimulando modos idealizados de fala estariam ligados à escrita e construindo definições “fácil e difícil”, que nunca levaram em conta de que maneira esse define o fácil e o difícil para o ator principal da aprendizagem a criança: Tudo isso tornou o processo mais difícil que deveria ser, produziu fracassos escolares desnecessários e estigmatizou, uma grande parte da população e transformou a experiência de alfabetização em uma experiência literalmente traumática para muitas crianças. (FEREIRO:2001;25).

Deste modo, enquanto a educação brasileira continuar preocupando-se no sentido quantitativo e esquecendo o qualitativo, não conseguiremos avançar de forma significativa neste

desfio contra o analfabetismo. Considera-se alfabetizado, aquele que consegue assinar o próprio nome, que deu início na sua vida escolar e conhece graficamente os códigos linguísticos, mas apesar de tudo isso sabe-se que o processo de alfabetização está muito além.

Diante do exposto percebeu-se ao longo deste que em sua grande maioria, os estudiosos e educadores criam eufemismos para conceituar alfabetização. Adjetiva-se, não querendo percebê-la como um processo no qual os indivíduos tornam-se capazes de decodificar mensagens, símbolos, mandar um recado, comunicar-se oralmente de forma coerente e a partir disso desenvolver as suas capacidades parciais de discernimento.

Acredita-se que, o processo de alfabetização deve ocorrer da forma mais natural possível. Como afirma Ferreiro, esse processo ocorre até mesmo cotidianamente, desde o reconhecimento de uma letra em uma embalagem, à um rabisco na parede, na areia, a uma interpretação de histórias ilustradas ou contadas. Compreendeu-se que não existem fórmulas milagrosas prontas, para se chegar à um resultado satisfatório, o que se observa é que são metodologias que devem ser testadas, analisadas e modificadas a medida em que forem avaliadas o seu aproveitamento, buscando cada vez mais aperfeiçoá-las.

No que concerne ao currículo educacional, os conteúdos que são propostos em sala de aula precisam ser significativos para os alunos.

Não há, nunca houve nem pode haver educação sem conteúdo, a não ser que os seres humanos se transformem de tal modo que os processos que hoje conhecemos como processos de conhecer e de formar percam seu sentido atual. O ato de ensinar e aprender, dimensões do processo maior – o de conhecer – fazem parte da natureza da prática educativa. Não há educação sem ensino, sistemática ou não, de certo conteúdo. Freire:1992, p.110.

Diante da afirmação de Freire, pode-se acrescentar que durante anos tentou-se transformar esta educação, na qual a dificuldade de aprendizagem da leitura nas séries iniciais vem aumentando ainda mais, com isso o governo tenta amenizar o problema lançando planos e forma de alfabetizar os educandos, nas séries iniciais.

Assim e diante dos desafios construído ao longo do processo de alfabetizar as crianças na idade certa, garantindo seu ritmo e idade o Sistema Educacional propôs o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa que é um compromisso formal assumido pelos governos federal, do Distrito Federal, dos estados e municípios de assegurar que todas as crianças estejam alfabetizadas até os oito anos de idade, ao final do 3º ano do ensino fundamental.

Deste modo aos oito anos de idade, as crianças precisam ter a compreensão do funcionamento do sistema de escrita; o domínio das correspondências gráficas, mesmo que

dominem poucas convenções ortográficas irregulares e poucas regularidades que exijam conhecimentos morfológicos mais complexos; a fluência de leitura e o domínio de estratégias de compreensão e de produção de textos escritos.

No Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa, quatro princípios centrais serão considerados ao longo do desenvolvimento do trabalho pedagógico:

Sistema de Escrita Alfabética é complexo e exige um ensino sistemático e problematizador; o desenvolvimento das capacidades de leitura e de produção de textos ocorre durante todo o processo de escolarização, mas deve ser iniciado logo no início da Educação Básica, garantindo acesso precoce a gêneros discursivos de circulação social e a situações de interação em que as crianças se reconheçam como protagonistas de suas próprias histórias; Os conhecimentos oriundos das diferentes áreas podem e devem ser apropriados pelas crianças, de modo que elas possam ouvir, falar, ler, escrever sobre temas diversos e agir na sociedade; O ludicidade e o cuidado com as crianças são condições básicas nos processos de ensino e de aprendizagem. MEC.2012.

A partir dessa visão (MEC), a alfabetização é, sem dúvida, uma das prioridades nacionais no contexto atual, pois o professor alfabetizador tem a função de auxiliar na formação para o bom exercício da cidadania. Para exercer sua função de forma plena é preciso ter clareza do que ensina e como ensina. Para isso, não basta ser um reproduzidor de métodos que objetivem apenas o domínio de um código linguístico. É preciso ter clareza sobre qual concepção de alfabetização está subjacente à sua prática.

Estar alfabetizado significa ser capaz de interagir por meio de textos escritos em diferentes situações. Significa ler e produzir textos para atender a diferentes propósitos. A criança alfabetizada compreende o sistema alfabético de escrita, sendo capaz de ler e escrever, com autonomia, textos de circulação social que tratem de temáticas familiares ao aprendiz. Pacto- MEC- P.17.

Mediante o exposto anteriormente, formar leitores PCN's (1997.p.44.), crianças com autonomia nas práticas de leitura, é algo que requer, portanto, condições favoráveis para a prática de leitura. Outrossim, não se restringem apenas aos recursos materiais disponíveis, pois, na verdade, o uso que se faz dos livros e demais materiais impressos é o aspecto mais determinante para o desenvolvimento da prática e do gosto pela leitura. Algumas dessas condições:

- dispor de uma biblioteca na escola;
- dispor, nos ciclos iniciais, de um acervo de classe com livros e outros materiais de leitura;
- organizar momentos de leitura livre em que o professor também leia.
- planejar as atividades diárias garantindo que as de leitura tenham a mesma importância que as demais;

- possibilitar aos alunos a escolha de suas leituras. Fora da escola, o autor, a obra ou o gênero são decisões do leitor. Tanto quanto for possível, é necessário que isso se preserve na escola;
- garantir que os alunos não sejam importunados durante os momentos de leitura com perguntas sobre o que estão achando, se estão entendendo e outras questões;
- possibilitar aos alunos o empréstimo de livros na escola. Bons textos podem ter o poder de provocar momentos de leitura junto com outras pessoas da casa — principalmente quando se trata de histórias tradicionais já conhecidas;
- quando houver oportunidade de sugerir títulos para serem adquiridos pelos alunos, optar sempre pela variedade: é infinitamente mais interessante que haja na classe, por exemplo, 35 diferentes livros — o que já compõe uma biblioteca de classe — do que 35 livros iguais. No primeiro caso, o aluno tem oportunidade de ler 35 títulos, no segundo apenas um;
- construir na escola uma política de formação de leitores na qual todos possam contribuir com sugestões para desenvolver uma prática constante de leitura que envolva o conjunto da unidade escolar.

Nesta perspectiva, compreendeu-se que a leitura é uma atividade permanente da condição humana, uma habilidade a ser desenvolvida e estimulada desde pequeno, nos primeiros anos da escolarização. Lê-se para entender e conhecer o mundo, para sonhar, viajar na imaginação, por prazer ou curiosidade, desvendar mistérios. Assim leitura é fundamental no desenvolvimento do ser humano, e a escola possui um papel importante no desenvolvimento do hábito/habilidade de ler, apesar das dificuldades e desafios observados.

No que diz respeito a Alfabetização a Base Comum Nacional aponta que:

Embora, desde que nasce e na Educação Infantil, a criança esteja cercada e participe de diferentes práticas letradas, é nos anos iniciais (1º e 2º anos) do Ensino Fundamental que se espera que ela se alfabetize. Isso significa que a alfabetização deve ser o foco da ação pedagógica. BRASIL 2018, pág.89

No que se refere a leitura a BNCC nos afirma que: Leitura no contexto da BNCC é tomada em um sentido mais amplo, dizendo respeito não somente ao texto escrito, mas também a imagens estáticas (foto, pintura, desenho, esquema, gráfico, diagrama) ou em movimento (filmes, vídeos etc.) e ao som (música), que acompanha e cossignifica em muitos gêneros digitais. BNCC, 2018, Língua portuguesa pág. 72.

Desse modo, reconhece-se que orientar o processo de aprendizagem da leitura constitui-se, sobretudo no desafio, por serem inúmeras e complexas questões que permeiam esse processo longo e desafiador. Não obstante, acredita-se ser necessário e possível conduzir aquisição das habilidades

de ler e escrever numa perspectiva que as considere integradas à vida das crianças e não como atividades puramente técnicas da forma que acontece na maioria das escolas.

3. Metodologia

A pesquisa objetiva realizar uma reflexão sobre a prática pedagógica dos professores no âmbito de leitura nas séries iniciais, destacando que a análise do material colhido refere-se a um levantamento de questões relevantes nas práticas de leitura, para possíveis encaminhamentos que demonstrem dificuldades, erros, acertos e desafios vivenciados e superados pelos discentes da Escola Municipal de Ensino Fundamental Antônio Matos Filho, no município de Parauapebas-PA.

Os dados foram colhidos a partir dos questionários semiabertos aplicados aos docentes atuantes na área de educação básica, específico aos anos iniciais, no mês de março de 2020, sendo uma turma de cada nível 1º, 2º, e o 3º ano do ciclo inicial, considerado este como ciclo alfabetizador. Deste modo foram ouvidas três docentes, que são apresentadas como Professoras, A, B, C.

Optou-se pelo estudo de caso porque esta modalidade de pesquisa segundo Ludke e André (1986), possibilita uma visão de conjunto sobre o processo de ensino, numa realidade singular, permitindo nos uma análise substancial sobre as práticas destes saberes em nível institucional, de modo a percebermos suas especificidades.

Segue o questionário utilizado na pesquisa, bem como os resultados:

1 Quais as dificuldades básicas observadas no processo de aquisição da leitura nas séries iniciais?

Resultado:

*A, B, C- Ausência da Educação infantil;

*A, B, C- A infrequência dos alunos;

*A, B, C- Maior apoio da coordenação na elaboração e acompanhamento das atividades didáticas e pedagógicas;

* A, B, C -Falta de acompanhamento dos pais e responsáveis;

* A, B, C- O lado afetivo do aluno;

* A, B, C- Falta de motivação da família;

* A, B, C -Superlotação de crianças nas salas.

* A, B, C -Recursos didáticos inadequados para realidade dos alunos.

* A, B, C-Indisciplina.

* A, B- Melhor acompanhamento dos coordenadores nos planejamentos. *A, - A falta de vontade de aprender de alguns alunos, as vezes percebo que eles não querem aprender, parecem estar foçados na escola.

2 Quais as estratégias de ensino mais utilizadas?

Resultado:

* C- Bom planejamento.

*A, B, C- Acompanhamento diário das atividades.

*A, B, C- Jogos diversos;

*A, B, C- Brincadeiras variadas;

* A, C- Textos literários;

* A, B, C- Livros didáticos;

*A, B, C- Leitura na rodinha, caça-palavras, ditado de várias formas, brincadeiras, bingos, leitura de cartazes na sala de aula.

* A, B, C-Textos enfatizando a realidade dos alunos; * A, B, - Vídeos e músicas.

* A, B, C-Recorte e colagem de letras, sílabas, frases e pequenos textos.

* B, C. - Procuo envolver todos nas atividades.

* A, - Para mim a melhor estratégia é sempre retomar o que o aluno não aprendeu.

* A, B, C.- Atividades diferenciadas para os com maiores dificuldades.

3 De que forma podem ser minimizadas as dificuldades de aprendizagens da leitura neste ciclo considerado Alfabetizador?

* A, B, C-Incentivar os alunos a lerem;

* A, B, C-Dinâmicas interessantes;

* A, B, C-Metodologias inovadoras;

* A, B, C-Seleção de atividades adequadas;

* A, B, C- Atividades extraclases; * B - Parceria com a família.

* B, C – Um bom planejamento de aulas.

4 Quais as maiores dificuldades desafios encontrados para que as crianças se integrem de modo competente nas práticas sociais de leitura e escritas?

* A, B, C-Falta de compreensão dos discentes e pais;

- * A, B, C-Falta de leituras interessantes;
- * A, B, C- Falta de métodos que envolvam os alunos;
- * A, B, C- Espaço adequado para estudo;

5 Que ações/mudanças são consideradas necessárias no processo de alfabetização para que se torne mais eficaz?

- * A, B, C- Mediar à necessidade do aluno;
- * A, B, C- Histórias envolvendo o aluno;
- * A, B, C-Professor preparado para a realidade do discente;
- * A, B, C- Formar parceria com a família;
- * A, B, C-Acesso a todas as crianças na pré-escola;
- * A, B, C- Acompanhamento dos pais ou responsáveis;
- * A, B, C-Reconhecer a importância do hábito da leitura e escrita;
- * A, B, C- Dinâmicas com o concreto;
- * A, B, C- Leitura infantil que retrate a realidade do aluno;
- * A, B, C-A não promoção de alunos que não dominam a leitura e escrita básica;

6 As crianças aprendem a ler e escrever com autonomia ao final deste ciclo alfabetizador? * A, B, C- Nem todos.

- * A, B- Só aqueles que realmente recebem o acompanhamento permanente dos pais.
- * A- Acredito que todos devem aprender, se lhes forem garantidas as condições, todos aprenderão.
- * C, - É o nosso objetivo, mas ainda não alcançamos, muitos concluem o ciclo com dificuldades.

Diante do exposto, pontua-se com ênfase as respostas comuns a todas as discentes, verificou-se que os problemas pontuados pelas discentes estão sempre voltados para o âmbito da família ou das próprias crianças, sentiu-se falta da ênfase na formação continuada dos discentes, uma vez que na questão 3 todas sugeriram novas metodologias, e acreditamos que é em contexto de formação que ampliamos nosso universo intelectual e conseqüentemente profissional.

É a descrição dos métodos utilizada para o desenvolvimento do trabalho, os procedimentos adotados nas etapas do trabalho no que se referem ao diagnóstico e/ou estudo de caso, ou a pesquisa realizada. A metodologia deve apresentar uma descrição completa dos materiais e métodos utilizados, na sequência cronológica em que o trabalho foi elaborado.

4. Análise e Discussão dos Dados

Quando argumentou-se as estratégias de ensino mais utilizadas, observou-se uma diversidade abordada por todas, daremos destaque a leitura de textos literários, pois para Lajolo a leitura de livros de literatura é importante, o cidadão para exercer plenamente sua cidadania, precisa apossar-se da linguagem literária, alfabetizar-se nela, tornar-se seu usuário competente mesmo que nunca vá escrever um livro: mas porque precisa ler muito: Cada leitor, na individualidade de sua vida, vai entrelaçando o significado pessoal de suas leituras com os vários significados, que ao longo da história de um texto, este foi se acumulando. Cada leitor tem a história de suas leituras, cada texto, a história das suas. (2001, p.106) Todas as formas de leitura são interessantes. O importante é ler.

Quanto as ações na questão 5, compreendeu-se pelos registros o quanto a ação da gestão escolar é fundamental na definição das ações que deverão permear as práticas pedagógicas na escola, essas ações devem estar claras no PPP, só assim os professores se sentirão mais seguros com relação aos resultados alcançados. Lück (2000), mostra que a figura do diretor de escola, sobretudo de escola pública, tem sido cada vez mais associada à ideia de assegurar a qualidade do ensino. O gestor escolar é visto como o articulador no processo de retomar a qualidade do ensino na escola pública.

Portanto, sem o intuito de parecer um julgamento, identificou-se que muitos são os fatores que impactam de forma direta e indireta no processo de ensino e aprendizagem das crianças nas séries iniciais e posteriormente ao longo do percurso da escolarização dos discentes pois ao abordar-se a questão chave da pesquisa que é ‘As crianças aprendem a ler e escrever com autonomia ao final deste ciclo alfabetizar?’ os registros não foram satisfatórios no que concerne ao direito de aprender garantido por lei para nossas crianças, o que se justifica diante de tantos fatores acima citados.

Deste modo, o estudo possibilitou compreensões nas diversas situações em relação às dificuldades de aprendizagem da leitura e escrita nas séries iniciais. É importante afirmar que não objetivou-se apresentar conclusões ou dar respostas para as limitações dos problemas ocasionados. Uma vez que ressaltou no decorrer dos estudos, que não se encontra uma receita pronta e acabada, de como alfabetizar uma criança.

Neste sentido, a aquisição da aprendizagem da leitura nas séries iniciais só terá êxito se tivermos educadores comprometidos com a educação do Brasil, capazes de compreender os mecanismos de produção desses conhecimentos e tornar-se um orientador pedagógico que

considera os princípios e respeite as crianças como seres dotados de capacidades e potencialidades a serem instigadas e desenvolvidas.

Assim, pautados em princípios freirianos no qual o educador não apenas transfere o que sabe, mas ao ensinar também aprende com seu aluno, e além de ensinar e aprender ao mesmo tempo, ele tem o dever de oferecer meios criativos e diversificados para o desenvolvimento da leitura, e que pontuou-se que toda criança aprende, basta estar inserida em um ambiente alfabetizador, com professores capacitados e comprometidos com o sucesso do ensino e aprendizagem.

Portanto, sem o intuito de parecer um julgamento, compreendeu-se que muitos são os fatores que impactam de forma direta e indireta no processo de ensino e aprendizagem das crianças nos anos iniciais e posteriormente ao longo do percurso da escolarização dos discentes pois ao abordamos a questão chave da nossa pesquisa que é ‘As crianças aprendem a ler e escrever com autonomia ao final deste ciclo alfabetizar?’ os registros não foram satisfatórios no que concerne ao direito de aprender garantido por lei para nossas crianças, o que se justifica diante de tantos fatores acima citados.

5. Conclusões

Esta pesquisa teve como objetivo uma análise reflexiva referente as aprendizagens adquiridas a partir das concepções de leitura, que permeiam as instituições de ensino, nas diversas áreas de saberes. Neste sentido, para o alcance dos objetivos propostos, no primeiro momento foi realizado o levantamento de dados bibliográficos necessários, procurando bases teóricas, através de referências bibliográficas cânones nesta área de pesquisa, permitindo a nós pesquisadores fazer um comparativo com os estudos já realizados anteriormente em contexto de formação acadêmica.

As leituras nos forneceram embasamento para aperfeiçoamento intelectual e teórico e também organizacional, desta forma os objetivos propostos foram alcançados uma vez que a base teórica pesquisada mostrou a importância de métodos inovadores da qual a aprendizagem da leitura pode e deve ser desenvolvida para um melhor aprendizado, bem como a pesquisa in loco, realizada em forma de questionário, já mencionado anteriormente.

Compreendeu-se que ler e escrever são habilidades básicas a serem desenvolvidas no que concerne a aquisição de novos saberes. Sendo assim, faz se necessária uma relação libertadora, emancipadora e transformadora na prática da leitura e da escrita para além da mera decodificação e codificação de signos alfabéticos, e implicando a falta eficiente delas em dificuldades e limitações à

Revista Tecnologias na Educação – Ano 15 – Número/Vol.38 – Edição Temática XIX-
tecnologiasnaeducacao.pro.br / tecedu.pro.br

própria constituição do sujeito social e à sua emancipação como tal nas sociedades letradas, a investigação desta relação constituiu-se em impulso à realização da pesquisa para subsidiar teoricamente suspeitas e pressupostos que inquietam e desafiam educadores em relação à prática da leitura e da escrita em todas as áreas de saberes.

Para Freire, O ato de ler é incompleto sem o ato de escrever. Um não pode existir sem o outro. Ler e escrever não apenas palavras, mas ler e escrever a vida, a história. Numa sociedade de privilegiados, a leitura e a escrita são um privilégio. Ensinar o trabalhador apenas a escrever o nome ou assiná-lo na carteira profissional, ensiná-lo a ler alguns letreiros na fábrica como perigo, atenção, cuidado, para que ele não provoque algum acidente e ponha em risco o capital do patrão não é suficiente... Não basta ler a realidade. É preciso escrevê-la.

Espera-se que o estudo realizado venha possibilitar academicamente um enriquecimento teórico e prático, bem como uma visão ampliada de como o ambiente escolar é diversificado de educador para educador, percebe-se que a visão do educador deve ser ampliada no sentido de possibilitar aos docentes o direito a uma educação de qualidade, que vise desenvolver habilidades e competências necessárias para práticas de leitura e escrita, reconhecendo que as mesmas são necessária e devem ser significativas na vida do ser humano, não apenas como uma prática social, mas prazerosa.

6 Referências Bibliográficas

BRASIL. **Parâmetros Curriculares nacionais. Língua Portuguesa: primeiro e segundo e ciclos.** Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

BAKHTIN, M. (1929) *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. SP, Hucitec, 2. ed., 1981

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal.** 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000. BRASIL. **Parâmetros Curriculares nacionais. Língua Portuguesa: terceiro e quarto ciclos.** Brasília: MEC/SEF, 1998.

CORACINI, M. J. R. F. **Leitura: decodificação, processo discursivo...?** In: Coracini, M. J. R. F. (org.). **O jogo discursivo na aula de leitura: língua materna e língua estrangeira.** Campinas, SP: Pontes, 1995.

FERREIRO, Emília & TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita,** Rio de Janeiro: Artmed, 1979.

_____, **Cultura Escrita e Educação.** Rio de Janeiro: Artmed, 2000.

_____, **Alfabetização em processo.** (Trad.) Sara Cunha Lima, Marisa do Nascimento Paro. 14º ed. São Paulo Cortez, 2011.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança.** Rio de Janeiro:Paz e Terra,1981.

_____, **Pedagogia do oprimido.**17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra,1987.

_____, **A educação na cidade.** 3. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

_____, **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 20. ed. São Paulo: Paz e Terra,2002.

GERALDI, J.W. (org.) **O texto na sala de aula – leitura e produção,** João Wanderley Geraldi 2. Ed. Cascavel:Assoeste, 1985.

_____, **Portos de Passagem,** João Wanderley Geraldi. 4ª edição. São Paulo. Martins Fontes, 1997. (Texto e Linguagem)

KLEIMAN, A. **O Texto e o Leitor: aspectos cognitivos da leitura.** Campinas, SP: Pontes, 1999.

KOCH, Ingedore Villaça. **Ler e compreender: os sentidos do texto.** 5ª edição. São Paulo: contexto, Cortez, 2006.

KOCH, Ingedore Villaça. **Desvendando os segredos do texto.** 5ª edição. São Paulo: Cortez,2006.

LDB, **Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional,** Lei nº 9.394. Art. 32. LAJOLO, Marisa. *Do Mundo da Leitura Para a Leitura do Mundo.* São Paulo: Ática, 2001.

LERNER, Delia. **Ler e Escrever na Escola: o real, o possível e o necessário,** Porto Alegre, Artmed, 2005

MATÊNCIO, Maria de Lurdes Meireles. **Leitura, Produção de texto e a escola: reflexões sobre o processo de letramento.** Campinas, SP. Mercado de Letras. 1994.

(coleção letramento, Educação e sociedade).

ORLANDI, E. (1988) *Discurso e leitura.* São Paulo, Cortez e Editora da Unicamp. SOUZA, D. M. de. **Livro Didático: Arma Pedagógica?** In: CORACINI, M. J. R. F.(Org.). *Interpretação, Autoria e Legitimação do Livro Didático.* Campinas, SP: Pontes, 1999. <

[http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_site.](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_site.pdf)

[pdf http://pacto.mec.gov.br/images/pdf/pacto_livreto.pdf](http://pacto.mec.gov.br/images/pdf/pacto_livreto.pdf) .>

Recebido em outubro 2023
Aprovado em novembro 2023